

# Histórias da Escola de Belas Artes: Revisão crítica de sua trajetória

**Organização:**  
Ana Cavalcanti  
Marize Malta  
Sonia Gomes Pereira

1º Edição

Rio de Janeiro/RJ  
2016

**Dom  
JOÃO VI**

**PPGAV**

PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM ARTES VISUAIS  
EBA - UFRJ

**eBa** ESCOLA DE  
BELAS ARTES   
Universidade Federal do Rio de Janeiro

ISBN 978-85-87145-63-5  
**Histórias da Escola de Belas Artes: revisão crítica  
de sua trajetória**

**EBA/CLA/UFRJ 2016**

**2016 ©**

**Capa**

*Luiz Eduardo Fileto Caldeira*

**Concepção Gráfica**

**Organização editorial**

*Marina de Menezes*

**Projeto Gráfico**

*Luiz Eduardo Fileto Caldeira*

**Apoio Editorial**

*Fabio Mourille*

*Patrícia Pedrosa*

*Raira Rolisola*

*Iaci D' Assunção Santos*

**Apoio**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

*Programa de Pós-Graduação*

*em Artes Visuais EBA/UFRJ*

*Museu D. João VI*

**Organização**

*Ana Cavalcanti*

*Marize Malta*

*Sonia Gomes Pereira*

*Roberto Leher*  
Reitor

*Denise Nascimento*  
Vice-Reitora

*Flora De Paoli Faria*  
Decana do Centro de Letras e Artes

*Carlos Gonçalves Terra*  
Diretor da Escola de Belas Artes

*Madalena Grimaldi*  
Vice-Diretora da Escola de Belas Artes

*Carlos Augusto Nóbrega*  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação  
em Artes Visuais

*Ana Cavalcanti*  
Coordenadora do Museu D. João VI

Os artigos e as imagens reproduzidas nos textos são de  
inteira responsabilidade de seus autores

CAVALCANTI, Ana; MALTA, Marize; PEREIRA, Sonia Gomes; (Orgs.).  
Histórias da Escola de Belas Artes: revisão crítica de sua trajetória. Rio de  
Janeiro: EBA/UFRJ/2016.

282p.

1. Academia/Escola de Belas Artes 2. Ensino artístico 3. Arte no Brasil

I. Título

II. Universidade Federal do Rio de Janeiro

# **GOSTO NEOCLÁSSICO: GRANDJEAN DE MONTIGNY E A ARQUITETURA NO BRASIL (1816-1850). INVENTÁRIO E QUESTÕES DE MÉTODO**

**Ana Maria Pessoa dos Santos, Ana Lucia Vieira dos Santos, Margareth da Silva Pereira, Priscilla Peixoto.**

Essa comunicação apresenta o estágio atual do projeto de pesquisa Gosto Neoclássico: Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850), que visa sistematizar fontes biobibliográficas sobre a trajetória de Grandjean de Montigny. Desenvolvido em parceria pelos grupos de pesquisa Museu-casa: memória, espaço e representações, da Fundação Casa de Rui Barbosa e Laboratório de Estudos Urbanos (leU) do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFRJ, o projeto traz subsídios tanto para a discussão interdisciplinar da cidade oitocentista e do movimento neoclássico no Rio de Janeiro quanto do pensamento urbanístico no Brasil, temas que norteiam as investigações das duas instituições envolvidas.

De fato, a casa que pertenceu a Rui Barbosa integra grupo de prédios, como a Casa de Banhos, o Solar Grandjean de Montigny, a Casa da Marquesa de Santos, a Casa de José Bonifácio, o Museu Imperial, a Casa da Moeda, além do Jardim Botânico, entre outros, que testemunham o processo de mudança nos padrões de gosto, funcional e estético, introduzidos desde a instalação da Corte, bem como os investimentos realizados para tanto. Por outro lado, o Laboratório de Estudos Urbanos (leU), vem se afirmando como importante núcleo de reflexão sobre a história social da cultura arquitetônica e urbanística no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX, divulgando os resultados dos trabalhos de seus membros em exposições, artigos, livros no Brasil e no exterior há mais de duas décadas.

No âmbito da parceria entre os pesquisadores da FCRB e do leU/PROURB-UFRJ, colocou-se em pauta a necessidade de um maior aprofundamento das pesquisas voltadas para a arquitetura e a história urbana do Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX. A relevância do recorte temporal se impõe, primeiramente, diante não só da institucionalização da prática da arquitetura com a atuação da chamada “Missão Francesa” e a implantação da formação em Arquitetura e Belas-Artes no país. Entretanto e talvez ainda mais relevante, a iniciativa justifica-se diante da necessidade de uma compreensão “cultural” e mais socialmente situada das “representações do morar” por parte dos atores envolvidos na construção desses diversos edifícios citados, e particularmente, daquele que é hoje o Museu Casa de Rui Barbosa, inaugurada em 1850. Entre os padrões estéticos e funcionais acadêmicos trabalhados por Grandjean de Montigny e seus alunos e os dos conceptores e construtores do conjunto tombado - iniciativa do comerciante Bernardo Casimiro de Freitas, o futuro barão da Lagoa - diversas interpretações e culturas técnicas e construtivas podem ser observadas, embora as visões e as práticas de uns e outros continuem sendo, simplificada e considerada e classificadas como “arquitetura neoclássica”.

Nessa perspectiva e como pressuposto metodológico os pesquisadores envolvidos em Gosto Neoclássico: Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850) entenderam ser imprescindível, primeiramente, a realização de um inventário rigoroso da produção desse arquiteto francês, nascido a 15 de julho de 1776 e que se estabelece no Rio de Janeiro a partir de 1816, no contexto de criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios.

Como se sabe, Grandjean de Montigny estuda na Escola de Arquitetura de Paris, na qual recebe o Grand Prix de Rome, em 1799, o que lhe permite uma longa estadia na Itália. De volta à França e com a expansão do Império napoleônico, passaria a trabalhar na Alemanha (1807-1813), como arquiteto oficial da Corte de Jerônimo Bonaparte, em Cassel. Com a crise política provocada com a queda de Napoleão e tendo em vista suas ligações políticas, decide-se pelo exílio, chegando ao Brasil em 1816 e integrando o grupo conhecido como a Missão Artística Francesa<sup>I</sup>. Nesse mesmo ano é nomeado professor de arquitetura da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, que com a Independência passaria a ser designada, a partir de 1826, e até 1889, Academia Imperial de Belas-Artes. Grandjean é o único professor de arquitetura daquele estabelecimento de ensino até a sua morte no Rio, em 2 de março de 1850.

É atribuído a ele, pelo conjunto de obras e pela sua atuação como professor na formação dos jovens arquitetos na Academia de Belas Artes<sup>II</sup>, a influência do estilo neoclássico no Brasil. Segundo o historiador de arquitetura Morales de los Rios, na obra mais sistemática até hoje dedicada ao arquiteto e à sua influência nas obras do período: “A essa orientação, porém com características próprias ao nosso país – em que a simplicidade era a nota dominante – obedeceram os edifícios particulares mais notáveis do Império Brasileiro.”<sup>III</sup>

Ora, apesar da extensa bibliografia sobre a Missão Francesa e seus membros, ainda não se conseguiu estabelecer a biografia intelectual de Grandjean de Montigny e embora o arquiteto francês também tenha desempenhado papel relevante como criador e responsável pela institucionalização dos cursos de arquitetura no Brasil, sua obra e prática pedagógica até hoje continuam carecendo de sistematização. Historicamente, desde Morales de los Rios, se registraram esforços notáveis nesse sentido, sobretudo na década de 1970-80 por parte, por exemplo, de Giovanna Rosso del Brenna na exposição e catálogo Grandjean de Montigny: uma cidade em questão (1979) e, sobretudo, de Donato Melo Junior em seus minuciosos levantamentos de fontes primárias.

É certo que as dificuldades em um empreendimento dessa natureza são inúmeras quando se observa a vida e obra de Grandjean de Montigny de perto. Primeiramente, sua trajetória cosmopolita se inicia com viagens de formação e ele realiza, assim, o Grand Tour da Itália como o coroamento obrigatório da carreira de jovens artistas promissores como ele, ou com ambições de se firmar na cena cultural de seu tempo. Ademais, sua ação profissional ultrapassa as fronteiras tanto da Itália quanto da França, onde ela se inicia, e coincide com um momento politicamente dos mais conturbados na História moderna, levando-o também a se deslocar para a Alemanha, a serviço de Jerôme Bonaparte, em outra experiência em terra estrangeira. Arquivos e documentos sobre sua trajetória acham-se, assim, localizados em países da Europa, América Latina e Austrália e a interpretação de sua carreira europeia e brasileira exige um domínio de conhecimentos inalcançável sem que se conte com parcerias nacionais e internacionais altamente especializadas e que compartilhem as mesmas formas de abordagem teórico-metodológicas, o que só, muito lentamente é possível construir.

Um grande esforço de síntese foi feito recentemente por Angela Telles<sup>IV</sup> para situar os anos de formação de Grandjean na Europa no contexto revolucionário, contudo permanece pouco estudada sua estadia na Itália e na Alemanha e, sobretudo, sua obra no Brasil no campo do ensino, da construção e dos projetos de melhoramentos urbanos. Embora com seus alunos Margareth da Silva Pereira tenha reconstruído o percurso das viagens de Grandjean na Itália em meados da década de 1990, apoiando-se no estudo de um corpus de mais de 120 desenhos deixados pelo arquiteto e passíveis de se relacionarem com o Grand Tour<sup>V</sup>, o trabalho acabou sendo interrompido justamente devido às dificuldades de identificação das inúmeras elevações, plantas baixas, croquis e vistas sem qualquer datação ou localização. Nos anos 2000, algumas viagens de estudos às regiões percorridas e visitadas pelo arquiteto foram realizadas pela pesquisadora, buscando completar as pesquisas, e sobretudo na

parte Norte da Itália, percorrida por Grandjean - Val d' Aosta, Lombardia, Alto Adige e Toscana - mas necessitava-se de disponibilidade de tempo e recursos para dar continuidade ao trabalho, o que até agora não foi possível. De todo modo, um estudo nessas bases “permitiria melhor compreender sua postura dentro do movimento neoclássico e, mais ainda, os princípios que adota e desenvolve em seu trabalho antes e depois de se fixar no Brasil”<sup>VI</sup>.

A iniciativa, assim, do projeto Gosto Neoclássico: Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850), desde 2009 pretendeu preencher algumas destas lacunas, trazendo também subsídios para releituras sobre a arquitetura e a história urbana no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, e insumos para a própria interpretação do contexto da encomenda e construção do edifício do Museu-Casa de Rui Barbosa.

Palestras e seminários com especialistas europeus, sobretudo franceses, foram, assim, organizados buscando criar laços de cooperação científica com estudiosos das questões enfocadas na tarefa de identificação, captura de dado e construção de hipóteses ou localização de fontes, promovendo uma atualização temática e documental em relação ao objeto de estudo central e à compreensão do programa residencial, estrito senso. Desde 2009, vem sendo possível, assim, aprofundar e debater o conhecimento sobre o período revolucionário na França e sobre a formação de Grandjean de Montigny, graças aos intercâmbios com Jean Philippe Garric<sup>VII</sup>, especialista renomado sobre a obra dos arquitetos Percier e Fontaine, mestres do arquiteto francês. Também em relação à atividade editorial desempenhada por Grandjean, foi possível avançar em terrenos mais sólidos e melhor situar tanto o contexto de produção dos seus livros, particularmente *Architecture Toscane*, quanto de seu período como pensionista em Roma com o auxílio do citado professor, igualmente estudioso dos livros de arquitetura enquanto gênero. Por fim, com o objetivo de compartilhar, promover e consolidar o conhecimento que vem sendo gerado pela pesquisa sobre a arquitetura e o urbanismo oitocentistas junto aos pesquisadores brasileiros, organizaram-se curso de curta duração. O primeiro destes cursos<sup>VIII</sup> deu destaque para o período revolucionário e da restauração na França, celebrando a parceria com J-Ph.Garric que se estende desde então.

Dando continuidade e ampliando estes intercâmbios, em 2013, foram promovidas as palestras “Charles Percier, architecte et designer”, por J-Ph Garric e “O ornamento à época de sua reprodução mecanizada” (1770-1851), por Valerie Nègre<sup>IX</sup>, especialista da história da construção e do ensino técnico e artístico, que abordaram as consequências estéticas e sociais resultantes do estabelecimento da produção em série de ornamentos para decoração de edifícios na França de meados do século XVIII<sup>X</sup>. Por fim, em 2014, foi realizado o curso “Arquitetura e poder na Europa Napoleônica: Grandjean de Montigny na Westfália”<sup>XI</sup>, com Guillaume Nicoud, curador da exposição e autor do catálogo *Jerôme Bonaparte - Roi de Westphalie*.<sup>XII</sup> Germanista, especializado no período napoleônico o contato com Guillaume Nicoud vem permitindo ao grupo de pesquisa situar a trajetória e a obra de Grandjean na Alemanha - hoje desaparecida - e, assim, no curso abordou-se o contexto político, cultural e arquitetônico do período da sua atuação quando arquiteto em Cassel.

Como se disse, Donato Mello Junior dedicou-se a vasto levantamento na década de 1980, com o apoio da antiga Funarte, mas este trabalho não foi publicado e grande parte dele perdeu-se no incêndio que atingiu a sua casa nos anos 1990. É, portanto, neste contexto e no sentido de contribuir para a sistematização e análise de sua obra que a parceria em torno do projeto Gosto Neoclássico: Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850) vem envidando esforços na elaboração do Inventário dos documentos produzidos por Grandjean de Montigny preservados em instituições brasileiras e estrangeiras, aqui apresentado.

Em uma segunda etapa, tem-se a intenção de se acrescentar à documentação o levantamento de sua obra construída, o que permitirá um catálogo completo de referências.

## O Inventário Analítico da Obra de Grandjean de Montigny

Desde 2012 vem sendo realizado o Inventário Analítico da Obra de Grandjean de Montigny compreendendo o levantamento de obras de sua autoria depositadas em instituições brasileiras e estrangeiras, ou construídas em diferentes cidades do país, de modo a estabelecer um fundo documental que permita a análise do gosto acadêmico, suas premissas funcionais e estéticas, bem como sua difusão.

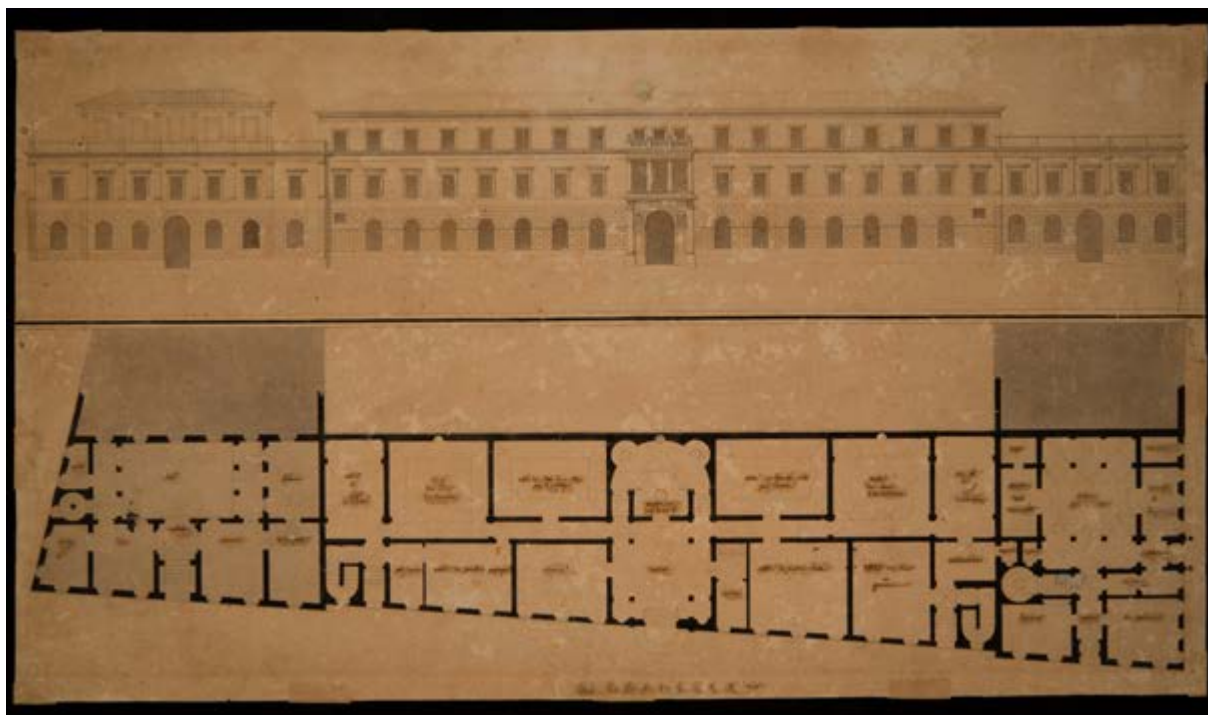



Imagem 1. Escola de Belas Artes, planta e fachada, Rio de Janeiro. Acervo Museu D. João VI. (Fotografado por FCRB/Francisco M. Costa)

Acredita-se que a organização de uma base documental solidamente estabelecida em termos de datação e integrada, uma vez que os documentos se encontram em diferentes fundos arquivísticos, venha permitir uma avaliação aprofundada do campo de debates estéticos e culturais sobre esta “arquitetura neoclássica” ou ‘Imperial’ que balizam a prática da arquitetura no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX e ainda tão carente de interpretações sobre o engendramento de suas formas.

A tarefa de elaboração do Inventário compreendeu duas frentes de trabalho. Uma, coordenada pela pesquisadora Ana Pessoa (FCRB), com a colaboração de bolsista Katherine Azevedo (FCRB), voltou-se para a construção de uma base de dados, e comportou a construção de ficha catalográfica e estruturação de banco de dados; coleta e processamento dos dados catalográficos; pesquisa à documentação complementar em cada instituição e o registro fotográfico das obras. Nessa ocasião, foram estabelecidas colaborações institucionais, em especial com a Biblioteca Nacional, contou-se com o patrocínio da Faperj<sup>XIII</sup>.



Tabela1		Tabela1	
Código:	1	Referência (a):	Vista perspectiva do interior de um museu, no caracter dos do décimo quinto século na Itália. Este valioso e aprimorado
Acervo:	MDJVI	Referência (b):	
Denominação:	Fachada de edificio	Bibliografia conexa:	
Número de registro:	906	Iconografia conexa:	
Data:	1801/1805	Relacionada a:	
Local (a):	Itália	Observações:	
Local (b):	s/l	Foto 1:	
Assinado:	Não		
Dimensões:	13,0 x 10,5 cm		
Técnica/suporte:	Aguada de sépia sobre papel		

Record: 1 of 340 | No Filter | Search

Imagem 2. Base de dados – Fundação Casa de Rui Barbosa.

Em paralelo, foram desenvolvidos dois instrumentos de estudos, os Estudos Genealógicos, desenvolvidos pela pesquisadora Ana Lucia V. Santos (então bolsista da FCRB) com a colaboração de Ana Pessoa, e a concepção e realização da Cronologia biobibliográfica e documental de Grandjean de Montigny, conduzida por Margareth da Silva Pereira (leU-UFRJ) e por Priscilla Peixoto (Msc. leU-UFRJ).

## A elaboração do Inventário

Grande parte do espólio de desenhos e projetos de Grandjean de Montigny, arquiteto de primoroso traço, foi adquirida de sua viúva pelo governo brasileiro, para integrar o acervo da Academia Imperial de Belas Artes. No período republicano, com a extinção da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), em 1931 e sua absorção pela Universidade do Brasil ( hoje UFRJ) e, com a reestruturação do ensino artístico superior entre 1937-1945, parte do acervo daquela instituição e inclusive esse conjunto seria desmembrado passando a integrar as coleções do Museu Nacional de Belas-Artes, criado com esse nome em 1937. Acredita-se, contudo, que haveria outro lote composto por “aluns de apontamentos, esboços e projetos” de Grandjean, recolhidos por Bethencourt da Silva, que teria desaparecido no incêndio do Liceu de Artes e Ofícios de 1893<sup>XIV</sup>. Há, ainda, indícios da existência de obras dispersas em mãos de particulares, com provável origem em trabalhos doados a seus discípulos, como o próprio Bethencourt da Silva e Araújo Porto-Alegre ou de heranças de seus descendentes.

A principal referência para o início do mapeamento da obra de Grandjean de Montigny foram os estudos desenvolvidos anteriormente pelo Prof. Donato de Mello Júnior, dedicado estudioso deste arquiteto, em especial o artigo “Fontes documentais para pesquisas sobre o arquiteto Grandjean de Montigny”<sup>XV</sup>.

Outra importante fonte para o levantamento foi o conjunto de pesquisas realizadas por Margareth da Silva Pereira sobre o tema, em especial o estudo “Morada Carioca- Grandjean de Montigny e o Solar da Gávea. Arquitetura e modo de vida”, desenvolvida na PUCRIO entre 1990 e 1992, sobre os documentos, hoje em instituições francesas, deixados pelo discípulo de Grandjean de Montigny e membro da “Missão Francesa” Louis Symphorien Meunié, e a pesquisa “Cartografias do olhar: A

formação estética de um arquiteto iluminista. A viagem à Itália de Grandjean de Montigny (1801-1805)”, projeto desenvolvido entre 1994 e 1996, apoiado pelo CNPq e que deu as bases a projeto para investigação mais aprofundada intitulada “A experiência de viagem como instrumento de formação profissional: a trajetória intelectual de Grandjean de Montigny” sobre os desenhos da fase italiana do arquiteto reunidos nos arquivos do MNBA<sup>xvi</sup>.

No primeiro trabalho foram divulgados documentos inéditos sobre o Solar da Gávea de posse dos Archives Nationales da França acompanhado de análise dos mesmos. No segundo foram realizadas leituras e sínteses sobre o momento revolucionário e o iluminismo, permitindo atualizar a bibliografia sobre os anos de “formação” de Grandjean e os debates sobre a forma urbana e arquitetônica, melhor circunscrevendo as diferentes fases de sua trajetória - italiana, alemã e brasileira. Por fim, as pesquisas desenvolvidas nos anos 1996-1998 centraram-se na fase italiana quando foram identificados, fotografados e analisados 120 desenhos da fase italiana, cerca da metade do conjunto de documentos à época identificados como do arquiteto e pertencentes ao MNBA (em um total 248). Estas investigações, tendo como referência os edifícios italianos estudados por Grandjean de Montigny enquanto viajante patrocinado pela Academia de Belas-Artes de Paris (1801 – 1805), permitiram ampliar as atribuições e identificações dos desenhos da fase italiana feitas por Donato de Mello Junior.

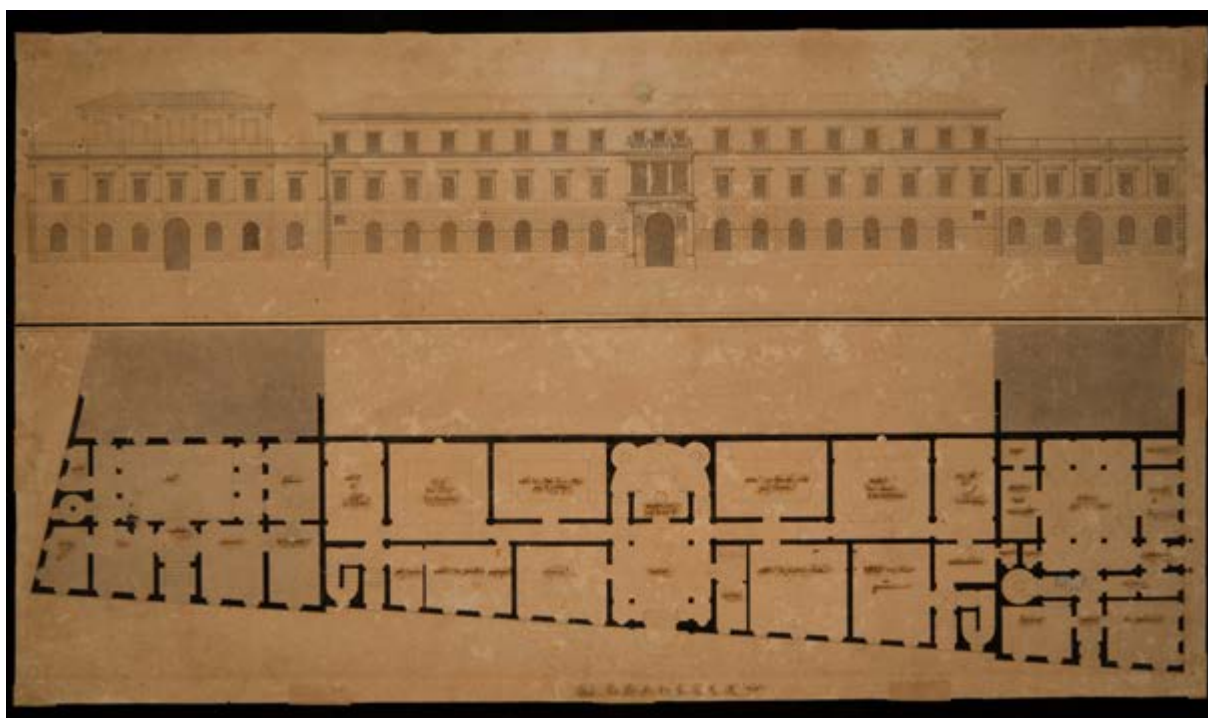


Imagem 3. Teatro, planta baixa, corte e fachada. Cassel. Acervo Museu D. João VI. (Fotografado por FCRB/ Francisco M. Costa)

O projeto do Inventário procedeu, assim, a partir dessas contribuições e trabalhos de levantamento e identificação de fontes primárias até então inéditas ao exame também dos principais estudos produzidos sobre o tema, o que resultou na sistematização de uma bibliografia, que segue no anexo I.

Para a elaboração do Inventário contou-se com a colaboração das seguintes instituições detentoras das principais fontes documentais sobre a atuação no campo da arquitetura e urbanismo do artista:

- Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) – Foram catalogadas 259 referências nesse acervo, sendo 99 sem localização identificada, 13 elaboradas da Westáfrica, 11 da França, 14 do Brasil e 122 da Itália.



- Museu D. João VI- EBA/UFRJ (MDJVI) – Foram catalogados 28 referências, sendo 14 da série estrangeira (duas obras sem referencia de lugar, uma da Westfália, seis da Itália e cinco da França) e 14 da série brasileira
  - Arquivo Nacional (AN): Foram identificadas duas plantas, a do Palácio das Belas Artes (MAP 316) e do prolongamento da Rua Leopoldina (MAP 118)
  - Fundação Biblioteca Nacional (FBN) – Há oito desenhos na Seção de Iconografia, relativos a projeto do Palácio Imperial (fachada e corte) e seu entorno urbano, túmulo de D. Leopoldina, planta do 2º andar de construção particular à rua do Passeio, fonte comemorativa da chegada de D. Tereza Cristina, desenho de loggia para a Biblioteca Imperial, e projeto para a Praça do Comércio.
  - Superintendência de Museus do Estado do Rio de Janeiro (SUM) – A Superintendencia tem sob sua guarda a aquarela Vista interior da Praça do Comércio, atual Casa França-Brasil, obra tombada pelo Inepac.
  - Museu de Arquitetura da Universidade Técnica de Berlim (AMTUB) – A Universidade Técnica possui 11 pranchas de autoria de Grandjean de Montigny, em sua maioria atribuídas a trabalhos em Cassel, a exceção de três pranchas: [Palácio Imperial] planta baixa de uma extensa edificação e jardins; [Fachada de palácio] fachada de edifício nobre, e [Fachadas de casas], conjunto de fachadas de três estreitos sobrados, com configurações distintas, sendo que a fachada central traz um letreiro com os dizeres “Loja de Fazendas das Ultima Modas”.<sup>xvii</sup>
  - Museu Hessen Kassel (MHK) – São 27 desenhos, entre croquis e esboços de objetos, arremates e plantas, de projetos desenvolvidos na Westfália, sendo que 8 referencias foram obtidas no catálogo König Lustik !? Jérôme Napoléon : Roi de Westphalie, e as demais, na base de dados on-line do Museu.
  - Palácio Nacional da Ajuda (PNA) – aquarela sobre papel, de autoria de Debret e Grandjean de Montigny, do Monumento erigido no Rio de Janeiro para aclamação de D. João VI
  - École National de Beaux Arts (ENSBA) – O acervo da instituição possui tres pranchas do projeto para Elysée ou cimetière public, vencedor ex aequo com o arquiteto Gasse do Grand Prix de Rome, em 1799, e duas pranchas do projeto para a restauração Tombeau de Cécilia Metella, elaborado para atender às obrigações de pensionista da Academia de França em Roma.

Está ainda por ser equacionada a articulação entre a base das pranchas de autoria de Grandjean com as demais fontes relacionadas à sua produção. Uma delas é a base de desenhos e fotografias de suas obras construídas, outra é a dos desenhos só conhecidos por meio de publicações, como os relativos ao Palais des États, de Cassel, bem como aquelas só conhecidas por meio de imagem digital, como os desenhos colocados a venda, “Capriccio di Piazza della Signoria” e “A Fantasy of architectual and archeological fragment”, divulgados no catálogo digital da Arcadja, disponível em [http://www.arcadja.com/auctions/pt/grandjean\\_de\\_montigny\\_auguste\\_henri\\_v/artist/296609](http://www.arcadja.com/auctions/pt/grandjean_de_montigny_auguste_henri_v/artist/296609).

Acompanhando os deslocamentos de Grandjean de Montigny, o Inventário se divide em França (1776 – 1801), com 20 desenhos, Itália (1801- 1805), com 129 desenhos; Westfália, Cassel (1807 – 1813), com 33 desenhos, e Brasil, Rio de Janeiro (1816 – 1850), com 43 desenhos.

Foi estabelecida a ficha abaixo para o cadastramento das obras, procurando contemplar a localização, título e descrição do conteúdo dos desenhos, as ocorrências no suporte como anotações e assinatura, data, informações técnicas sobre as reproduções digitais e as informações complementares assinaladas na bibliografia analisada. Contudo, há ainda o grande desafio de tentar identificar a origem de cerca de 100 desenhos. Dentre os identificados, merece destaque a produção na Westfália, cujos 33 desenhos, acham-se distribuídos em quatro instituições: duas na Alemanha (AMTUB, MNK) e duas no Brasil (MNBA, MDJVI).

Acervo	Nome da instituição detentora
Numero de registro	Numero do registro da instituição
Título planta original	Título atribuído por Grandjean de Montigny
Título atribuído	Título atribuído pela instituição
Tradução atribuída para o português	Tradução livre nos casos em que o título aparece em outra língua
Anotações realizadas nos desenhos	Anotações realizadas por Grandjean de Montigny nos desenhos
Data	Data fornecida pela instituição/pesquisas complementares
Local (a) - País	Local fornecido pela instituição/pesquisas complementares
Local (b) - Cidade	Local fornecido pela instituição/pesquisas complementares
Dimensões do objeto	
Assinado	( ) sim ( ) não
Técnica/suporte	Adaptado pela pesquisa
Assunto (a)	Formulado pelo projeto com base em tesouros de arquitetura
Assunto (b)	Formulado pelo projeto com base em tesouros de arquitetura
Créditos pela imagem	Fotógrafo ou instituição que digitalizou a imagem
Data do registro	Data de registro do fotógrafo ou da instituição que digitalizou a imagem
Numero do fotograma	Número que a câmara gerou quando se fotografa a imagem
Dimensões da imagem	Em dpi
Referência (a)	Relação de compra do espólio em 1866
Referência (b)	Inferência das imagens sem localização
Bibliografia conexa	Pesquisas realizadas pelo projeto
Iconografia conexa	Pesquisas realizadas pelo projeto
Observações	Observações variadas
Outros documentos	Outras fontes que sejam relacionadas ao desenho
Imagem 1	Imagem principal
Imagem 2	Caso haja mais de uma imagem
Imagem 3	Caso haja mais de duas imagens
Referencia (a)	Relação de compra dos desenhos em 1866
Referência (b)	Inferências das imagens sem localização
Bibliografia conexa	Pesquisas realizadas pelo projeto

No prosseguimento dos trabalhos, a base exigirá um estudo específico para o estabelecimento de um vocabulário controlado, de modo a compatibilizar as diferentes formas de registros praticadas pelas instituições detentoras das obras. Em uma primeira abordagem, pode-se estabelecer como categorias principais:

- a. Programas arquitetônicos: palácio, convento, asilo, cemitério, termas, assembleia, academia, residência particular
- b. Representação gráfica de projetos: planta, corte, fachada, perspectiva e vista
- c. Elementos tectônicos e/ou decorativos: entablamento, coluna, capitel, friso, fenestração
- d. Estudos de disposições em planta, vista ou cortes: arcos, escadas, pátios

A base de dados, em sua fase atual de preparação, já poderá ser consultada mediante agendamento junto ao Arquivo Histórico e Institucional da FCRB.

## O estudo genealógico

A escassez e imprecisão de dados sobre a família Grandjean de Montigny e suas relações sociais levou-nos a empreender pesquisa genealógica, buscando uma melhor compreensão da vida do arquiteto em seus deslocamentos.

O levantamento de dados, desenvolvido junto a fontes francesas, italianas, alemãs e brasileiras, obteve documento inédito, cedido por seus descendentes, a chamada “Declaração de Arteaga”.<sup>xviii</sup> Um documento familiar é sempre de grande valia, pois as informações sobre trajetórias pessoais geralmente ficam entre os descendentes, embora seja preciso reinterpretar reminiscências, e confrontá-las com outras fontes primárias. O estudo da vida privada de Grandjean lançou luz sobre suas relações familiares e estratégias de inserção em redes sociais. Os registros da vida quotidiana permitem seguir seus deslocamentos, criando uma linha de tempo que, cruzada com os eventos profissionais, leva a uma melhor compreensão de sua trajetória como arquiteto e acadêmico.

A vida pessoal de Grandjean de Montigny é ainda bastante desconhecida. Sabe-se que ele nasceu em Paris, a 15 de julho de 1776, filho de Claude Jean-Baptiste Grandjean de Montigny, negociante e de Marie Jeanne Ursule Cornet. Também é conhecido que ele chegou ao Rio de Janeiro com sua mulher e quatro filhos, enviuvou e voltou a casar-se com uma brasileira, Luiza Francisca Ramos Panasco. Morreu em sua casa na Gávea, a 1º de março de 1850, de complicações de uma gripe, sendo enterrado no Convento de Santo Antônio. Auguste Henri Victor era neto de Jean-Baptiste Grandjean de Montigny, que como seu pai, Claude Jean-Baptiste são, ambos, nomeados como “burguês de Paris” no documento que fechou o inventário post mortem do patriarca.

A documentação demonstra um complexo sistema de alianças matrimoniais entre famílias burguesas de alguma forma ligadas aos ofícios, comércio e controle legal da construção civil. Numa linha mais direta que leva ao nosso arquiteto, temos as famílias Cardot, Cavaro e Garnier. Membros dessas famílias foram localizados em Dieppe, Rouen e Vernon, pontos-chave de uma rota comercial que começa na cidade portuária e faz chegar a Paris mercadorias vindas de todos os pontos do mundo. Alguns desses burgueses são citados nos registros como negociantes de madeira e de gesso.

A entrada do jovem Grandjean na Academia de Belas Artes de Paris, em 1793, foi possivelmente parte das estratégias da família na atuação no mercado imobiliário. O jovem Grandjean casou-se duas vezes na França, com noivas que eram suas primas. A primeira, Anne Marguerite Julie Garnier, o acompanhou à Itália, para onde foi por conta do Prix de Rome obtido em 1799. A segunda, Magdeleine Catherine Victoire Cavaro, foi com ele para Cassel e depois veio para o Rio de Janeiro, onde faleceu.

A transferência das esposas e filhos para a Itália, Westfália e Brasil testemunha o grande investimento pessoal e profissional nesses lugares de trabalhos e uma disposição de fixar-se nesses destinos. Se a Corte da Westfália teve duração efêmera, Grandjean encontrou no Rio de Janeiro imperial a possibilidade de projetar e construir, além da oportunidade de criar uma nova Academia de Belas Artes, onde foi o único professor de arquitetura até sua morte em 1850.

A pesquisa baseada na genealogia permitiu também seguir os rumos de suas três filhas que chegaram à idade adulta, e que após casamentos realizados no Rio de Janeiro seguiram para outros destinos. Augustine Elisa Julie casou-se com o pintor Arnaud Julien Pallière e voltou com ele e os filhos para a França. Eleonora Augusta casou-se com o negociante escocês Robert Craigie, e também voltou para a Europa. De lá a família emigrou para a Austrália, onde o casal divorciou-se. Seus descendentes permaneceram no país, com exceção dos descendentes de Augustus, que emigraram para

os Estados Unidos. Louise Amenaide casou-se com o negociante austríaco Henrique Diogo Geiger, e transferiu-se com ele para o Chile, onde ainda hoje vive boa parte da descendência de Grandjean de Montigny. O alargamento da pesquisa para os descendentes do arquiteto permitiu a inclusão de áreas geográficas ainda não tratadas nos estudos, com a localização de nova documentação e possibilidade de compreensão da circulação de seu espólio.

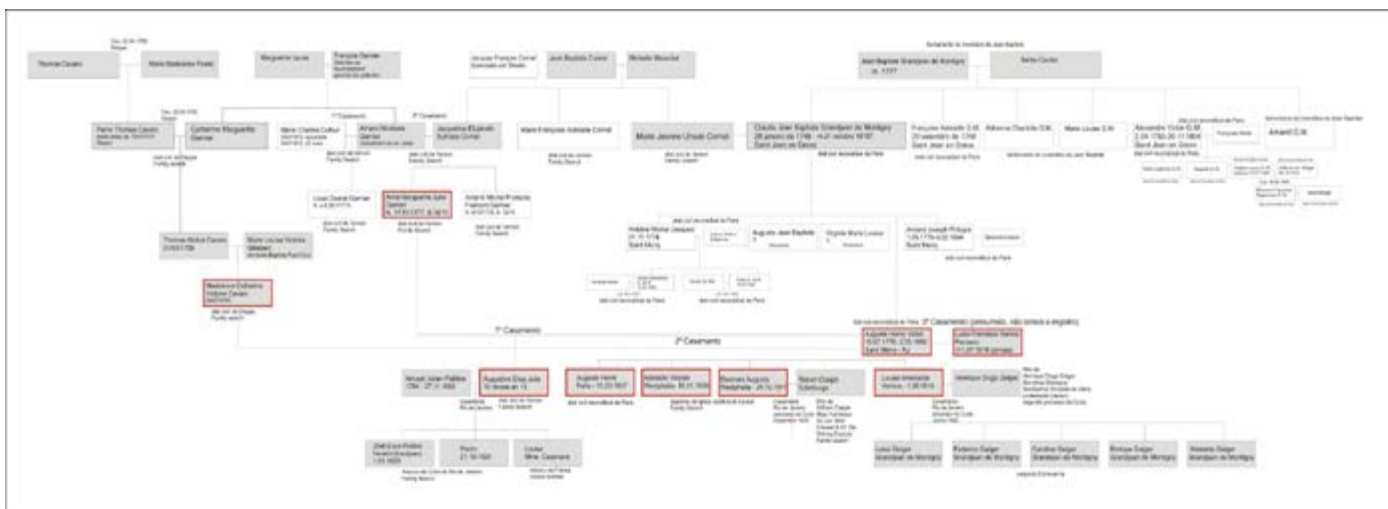


Imagem 4. Estudo Genealógico de Grandjean de Montigny desenvolvido por Ana Lúcia Vieira dos Santos no âmbito da presente pesquisa

### **A cronologia como método e a construção de novas perspectivas de pesquisa**

Um dos encaminhamentos metodológicos desenvolvidos em “Gosto Neoclássico: Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850)”, trata-se da construção do que chamamos de “Cronologia da vida e obra de Grandjean de Montigny”.

Assim, além do banco de dados, o projeto tem se preocupado em “especializar” temporalmente os resultados obtidos realizando diferentes cronologias. De fato, embora a questão do tempo e de como recortá-lo esteja no cerne do trabalho do historiador, entretanto, até recentemente as linhas do tempo eram elaboradas para estruturar a própria narrativa, mas sob o peso de visões historiográficas excessivamente factuais e evolucionistas, elas acabavam por servir somente à construção de periodizações retilíneas, dando sustentação a discursos e visões lineares de história. Contudo, no interior dessa tendência mais geral, nas últimas décadas, grupos de historiadores começaram a se utilizar das linhas do tempo de outras maneiras. Isso se observaria particularmente no trabalho daqueles atentos ao ganho de interesse das análises de discurso em seus cruzamentos com a história da arte.

A própria natureza do objeto de estudo acabava por evidenciar a subjetividade de artistas e conceptores e, assim, mostrar com maior clareza o próprio processo de construção de “obras” ou “fatos”. Por sua vez, a própria construção da narrativa histórica, stricto sensu, revelava que a objetividade do historiador resultava muito mais de um esforço de objetivação moldada no cotejamento de fontes, informações, situações e conjunturas, filtradas por sentimentos e percepções diversos. Ou seja, nada neutras seja no seu registro, seja na memória que se guarda e, portanto, nas interpretações ou reinterpretções que delas são feitas.

No que nos concerne a abordagem teórico-metodológica adotada no tratamento da trajetória de Grandjean de Montigny, o uso de cronologias impôs-se justamente como ferramenta para o deslocamento da noção de estilo. Elas começaram a ser usadas a partir de 1992-1993, particularmente, desde os estudos dos papéis de seu discípulo e membro da Missão Louis Symphorien Meunié, que

revelaram violentamente as singularidades da vida pessoal do arquiteto francês.<sup>XIX</sup> De fato, as fontes deixadas por Meunié através de uma série de notas ao descrever suas residências no Rio no seio da família Montigny, revelavam modos de vida, formas de sociabilidade e uma dimensão biográfica de Grandjean extremamente potente para ser silenciada. “Aqui M. Grandjean prepara vinho de laranja”, “aqui é o lugar da biblioteca de M. Grandjean”, “aqui é a cama da Srta Elise”, “aqui eu durmo”<sup>XX</sup> - essas notações interferiam, assim, na interpretação das formas de uma varanda, no enquadramento de uma janela diante de uma cena natural, como a Lagoa Rodrigo de Freitas, e até mesmo, nos primeiros passos para a compreensão do impacto da presença de sua família e de sua vida familiar em sua biografia profissional.

A adoção de uma perspectiva historiográfica mais atenta ao estudo cruzado de aspectos que escapam à uma leitura filológica da obra, propriamente dita, permite voltar-se a ela com outra intimidade mas igual distanciamento, isto é, lembrando que a forma é sempre ideológica. Desse modo as trajetórias individuais não são diluídas em movimentos e estilos e evidenciam modos de subjetivação diferenciados ou permitem, quando se compara obras de um mesmo artista em diferentes momentos, melhor observar mutações, recorrências ou filtros formais e temáticos adotados nas situações estudadas.

O que se desvela no uso de diversas linhas de tempo cruzando situações familiares, discursos, redes de amizade, formas, programas, perfil de encomenda entre outros aspectos são as permanências, rupturas, errâncias, retomadas ou reiterações do próprio artista ou intelectual no próprio processo de construção de obras e trajetórias. No interior de um tempo de vida, percebem-se com maior nitidez os embates de cada um com as condições de possibilidade do seu fazer, mas de modo situado subjetiva, estética e culturalmente.<sup>XXI</sup>

No uso das linhas do tempo como método de captura de informações e de ferramenta interpretativa, duas atitudes necessárias foram sendo cada vez mais amadurecidas para que esse recurso metodológico pudesse trazer contribuições. A primeira, como se vê, foi a clara aceitação do conflito e da tensão no processo deajuizamento advindos desta diversidade revelada nas condições de engendramento da obra. A segunda foi a adoção de uma métrica regular e absoluta - isto é invariável - no processo de captura dos dados, artifício que permite observar regularidades, exceções, cortes, lacunas, adensamentos, esgarçamentos.

Esse amadurecimento vem permitindo assim há uma década mostrar que uma cronologia não é nem uma linha, nem uma lista qualquer onde datas e fatos se sucedem. Ela pressupõe uma observância de ritmos cronológicos o que só é possível com um “metrum” - isto é, um intervalo regular de tempo - para que as próprias riqueza e multiplicidade se revelem e permitam, eventualmente perceber as diferentes ordens de discursos e de ações em seus conflitos, em suas convergências, pactos e antagonismos, paralizações, dinâmicas.

Nos estudos empreendidos no âmbito da história da arte e da arquitetura essa atenção torna-se ainda mais importante porque, nesses campos de saber, se produz ainda hoje um grande número de trabalhos que tratam as obras de arte e de arquitetura de forma excessivamente autônoma ou condicionada, em grande parte, pela ideia de estilos ou movimentos. Ou seja, anula-se justamente a cultura estética, política, ética - a cultura tout court - dos atores que as produzem e, conseqüentemente, as condições de possibilidades de enunciação de cada trabalho e se ignora os caminhos e descaminhos que constroem uma obra. Silencia-se, assim, a especificidades de cada gesto, projeto ou obra como uma ação que instituí mundos. Quando se trabalha com arcos temporais ou biografias já muito recuadas no tempo, esses procedimentos teórico-metodológicos tornam quase impossível perceber os momentos mais significativos ou aqueles de maior potência na atividade de um determinado artista.



No projeto Gosto Neoclássico: Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850) - diversas cronologias vêm sendo montadas e cruzadas permitindo não só estabelecer periodizações, mas também de mostrá-las no que são: uma possibilidade de interpretação e leitura de questões sobre as quais se pergunta. Isto é, vem-se trabalhando no sentido de mostrar o quanto cada cronologia é um recurso metodológico que extrai “acontecimentos” de um fluxo muito maior de vida, histórias e memórias, na tentativa de refletir sobre as condições de atualização de algo que interroga a ação presente.

Esse recurso metodológico passou a ser adotado em escala mais ampla pelos integrantes do Laboratório de Estudos Urbanos (leU-PROURB) em suas pesquisas a partir do desenvolvimento de um projeto “on line” há mais de 15 anos pela então bolsista de Iniciação Científica Aline Couri Fabião, e foi premiado nas jornadas de Iniciação Científica da UFRJ. Nos anos 2000, a iniciativa ganhou enorme impulso com as contribuições dos membros do Laboratório Urbano coordenado por Paola Berenstein-Jacques do PPGAU/UFBA, que encampou as possibilidades teórico-metodológicas e de armazenamento de dados que o método oferecia. Essas iniciativas deram origem a construção de um site para abrigar a Cronologia do Pensamento Urbanístico “on line”<sup>xxii</sup>, apoiada pelo CNPq, e que sistematiza os dados de pesquisa parciais e em torno de diversos e variados temas e que vão sendo reunidos pelo leU - Laboratório de Estudos Urbanos do PROURB-UFRJ e pelo Laboratório Urbano do PPGAU/UFBA e seus parceiros.

Na construção gráfica de uma cronologia, alguns aspectos merecem atenção, embora o importante seja compreender que se trata de um método flexível. Assim, as colunas representam a unidade temporal e devem possuir sempre a mesma dimensão. As linhas são as camadas de informação e organizam os conteúdos a serem pesquisados. Os conteúdos dependem dos temas que parecem ser importantes a partir de hipóteses iniciais. Representam o aspecto dinâmico do método e, assim, o número de linhas e os temas em foco variam de pesquisa a pesquisa, de questão a questão a ser explorada.

Desta forma, as informações levantadas são distribuídas em intervalos temporais regulares. A medida sempre constante da unidade de tempo, ou seja, a utilização da mesma largura em todas as colunas que representam os anos (meses, dias, etc), permite evidenciar certos ritmos e fluxos de ações e propostas, projetos ou obras. De fato, a representação gráfica da cronologia auxilia a correlacioná-los, contribuindo também, para questionar, deslocar ou mostrar os limites das noções de transferência ou de influência ainda tão presentes em muitas análises, uma vez que formas, soluções, leis, discursos temas, problemas ou instituições evidenciam-se com muita clareza graças à ferramenta.

Como se disse, a grande contribuição da ferramenta é de se evitar análises puramente visuais da forma ou da imagem, que, como foi dito, esvazia de complexidade a produção das obras arquitetônicas e artísticas e muitas vezes, acaba por contribuir por continuar disseminando ideias de uma história linear e evolutiva. Logo, o objetivo principal de uma cronologia não é desenvolver simplesmente uma linha do tempo, mas, a partir de várias linhas do tempo, chamar a atenção, para as temporalidades na circulação às vezes sistêmica - e muitas vezes sincrônica - de informação entre determinados círculos culturais, formando vastas redes de intercâmbio intelectual, acadêmico, científico e artístico que atuam de maneira complexa.

Para ilustrar a utilização da cronologia podemos observar, por exemplo, aquela que desenvolvemos para Conrado Jacob Niemeyer, engenheiro militar do segundo Império<sup>xxiii</sup>. No primeiro momento da pesquisa, utilizamos o método da cronologia para confrontar as informações de diferentes fontes secundárias sobre essa personagem. Com a cronologia conseguimos observar muitas recorrências e complementariedade entre as informações. Contudo, ela nos mostrou de forma mais explícita como haviam informações que eram, de fato, conflitantes e divergentes.

	1847	1848	1849	1850	1851
<b>BLAKE</b>	discurso na abertura da academia militar	provincia do Rio de Janeiro que compreende em resumo os principios de arithmetica, algebra, geometria elementar, geometria analitica, desenho geometrico e meteorologia. Rio de Janeiro	"Compêndio de mecânica elemental e applicada" que comprehende estatica, dinamica, hidraulica, pneumática, máquinás e resistencia das construções. Rio de Janeiro e "Compêndio de topografia" para uso de arquitetos medidores da provincia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro	"Noções de geometria descriptiva" para uso da escola de arquitetos medidores. Rio de Janeiro e "introdução topografica à historia do Brasil". Rio de Janeiro, com um mapa esboçado	organiza e publica a campanha do Setembro. Rio de Janeiro / "Plano e nivelamento entre a nascente do Rio da Prata e a cidade do Recife", de Pernambuco para servir ao plano de encanamento das aguas da cidade, sementes igualmente de mais proximos terrenos e terrenos do norte do Capibaribe. Trabalhos realizados com Conrado Jacob Niemeyer
<b>BUENO. BARATA.</b>	major efetivo / inauguração da Escola de Arquitetos Medidores / participou do levantamento da carta topografica da provincia do Rio de Janeiro com os engenheiros vicente da Costa e Almeida, Frederico Klaber e pelo tenente da armada nacional Joaquim Raimundo de Lamare	"Compêndio de matematicas elementares para uso da escola de arquitetos medidores da provincia do Rio de Janeiro" que comprehende em resumo os principios de arithmetica, algebra, geometria elementar, geometria analitica, desenho geometrico e meteorologia / Projeto de amansamento do Morro do Castelo, com Conrado Jacob Niemeyer e tambem um "Projeto de construir, na Rua da Lapa, um solo artificial, que suportasse o imenso trafego de vehiculos que por ali transitavam", proporcionando-lhes uma "rodagem segura". Estes projetos não seguiram adiante.	"Compêndio de mecânica elemental e applicada" que comprehende estatica, dinamica, hidraulica, pneumática, máquinás e resistencia das construções e "Compêndio de topografia" para uso de arquitetos medidores da provincia do Rio de Janeiro / pela associação a Inacio Ratton e Joaquim José Pereira Faro, futuro barão do Rio Bonito, para realizar obras de saneamento urbano e obteriam concessão para executar melhoramentos na Estrada Nova de Bonafé (hoje Marquês de Abrantes). Foram tambem autores de um Plano Urbano para a cidade de Rio de Janeiro / Colaborou nos planos de canalização do Rio Guanabara, sob a orientação do engenheiro Soares de Andrea. Refeição do tracado dos canais de Urubá e Nogueira, em Campos de Goytacás.	publicação de obras sobre Topografia e sobre Arquitetura e Hidráulica, para uso na Escola de Arquitetos / "introdução topografica à historia do Brasil" / "Noções de geometria descriptiva" para uso da escola de arquitetos medidores / assistiu ao primeiro ensaio de livreria que a Santa Casa mandara fazer, sob sua direção	organiza em dois meses um "Plano de Abastecimento de Agua da cidade do Recife" com seu tio Conrado Jacob Niemeyer, que aprovado, foi executado em 1848

Imagem 5. Figura 4 - Trecho da cronologia de Conrado Jacob Niemeyer desenvolvida em pesquisas do Laboratório de Estudos Urbanos (leU-PROURB-UFRJ).

Outro exemplo pode ser observado em uma cronologia que Priscilla Peixoto desenvolveu para uma pesquisa sobre Manoel de Araújo Porto-alegre.<sup>xxiv</sup> Neste exemplo, se observa a utilização da cronologia para se estudar a periodicidade e a incidência de uma questão específica. Aqui, a pesquisadora buscava observar a recorrência de questões urbanas em uma revista na qual Porto-alegre atuou, a Revista Guanabara.

		1850						1851							
		TOMO I													
MÊS DE PUBLICAÇÃO (QUANDO INFORMADO)		DEZEMBRO	JANEIRO	FEBREIRO	MARÇO					JUNHO (7)					
NÚMERO DA REVISTA		1	2	3	4	5	6			7	8	9	10	11	12
Artigos publicados		8	7	8	7	7	6			6	6	7	6	6	6
Artigos assinados por Porto-alegre		2	2	3	2	0	1			1	0	3	0	0	0
Artigos atribuídos a Porto-alegre (exceto H. Dierckx)		0	0	0	0	0	0			1	0	0	1	0	0
Diversas (Sim ou Não?)		0	0	0	0	0	N			0	0	N	N	0	0
Notas sobre Melhoramentos Urbanos nas Notícias Diversas		1	1	0	0	0	0			2	3	0	0	0	0
Artigos de Porto-alegre que enforam a cidadania		0	0	1	1	0	0			0	0	0	1	0	0
Melhoramentos Urbanos em outros artigos		0	0	0	0	0	0			0	0	0	0	0	0
<b>GUANABARA</b>	ASSUNTOS - MELHORAMENTOS URBANOS NAS NOTÍCIAS DIVERSAS	CENÁRIOS						BARRIO COMERCIAL ABASTECIMENTO D'ÁGUA							
		MUNICÍPIO DE RIO DE JANEIRO						RIO DE JANEIRO / CENÁRIOS							

Imagem 6. Trecho da cronologia de questões urbanas na Revista Guanabara realizada por Priscilla Peixoto.

Por fim, deve-se observar também que as cronologias, à medida que possuem uma modulação regular de contagem do tempo, nos permite fazer comparações, sobretudo de trajetórias.

## A cronologia de Grandjean de Montigny

Tendo como ponto de partida o conjunto de fontes reunido pelo presente projeto Gosto Neoclássico Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850) nossas primeiras ponderações para construir a cronologia de Grandjean de Montigny se pautaram em questões relativas à prática projetual do arquiteto. Diante desse conjunto específico de fontes – projetos realizados por Grandjean de Montigny – começamos a nos interrogar, por exemplo, sobre quais seriam as incidências e quais seriam os ritmos dessa produção.

Para tentar responder a essa primeira, e ainda muito ampla, questão, começamos a organizar certos grupos de informações – as linhas da cronologia – que pudessem nos ajudar a posicionar as informações extraídas da base de dados do Inventário.

Nessas primeiras camadas da cronologia, foram elencados aspectos do contexto político e aspectos específicos da Academia, informações sobre a rede de atores ligados à Grandjean, aspectos da sua vida privada e familiar e questões relativas a seus deslocamentos (viagens). O exemplo abaixo ilustra uma parte da cronologia em que alguns desses aspectos aparecem.

	1813	1814	1815	1816	1817	1818	1819	1820	1821	1822	1823	1824	1825
CONTEXTO													
VIDA POLÍTICA													
NOMES DA ACADEMIA				ESCOLA REAL DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS					REAL ACADEMIA DE DESENHO, PINTURA, ESCULTURA E ARQUITETURA				
DIRETORES DA ACADEMIA				JOACHIM LEBRETON					HENRIQUE JOSÉ DA SILVA				
VIDA PRIVADA E FAMILIAR													
LOCAL DE ESTADA / DESLOCAMENTOS		FRANÇA											BRASIL (RIO DE JANEIRO)

Imagem 7. Trecho da cronologia de Montigny em que é possível cotejar aspectos da vida pessoal e da formação.

Em um segundo momento, já iniciado o cotejamento das informações, observou-se a necessidade de se reagrupar as informações provenientes da base de dados, de maneira que pudessem ser observadas nuances da produção arquitetônica de Grandjean. Foram definidas, assim, as seguintes camadas relativas a atuação profissional do arquiteto: “publicações”, “atuação acadêmica” e “projetos arquitetônicos”. Esse último foi ainda declinado em “edificações públicas”, “edificações privadas” e “planos de embelezamento e infraestrutura”. Foi, sobretudo a partir desse segundo exercício, que começamos a identificar a recorrência de certos programas arquitetônicos e, com isso, vislumbrar um posicionamento em relação àquelas perguntas iniciais.

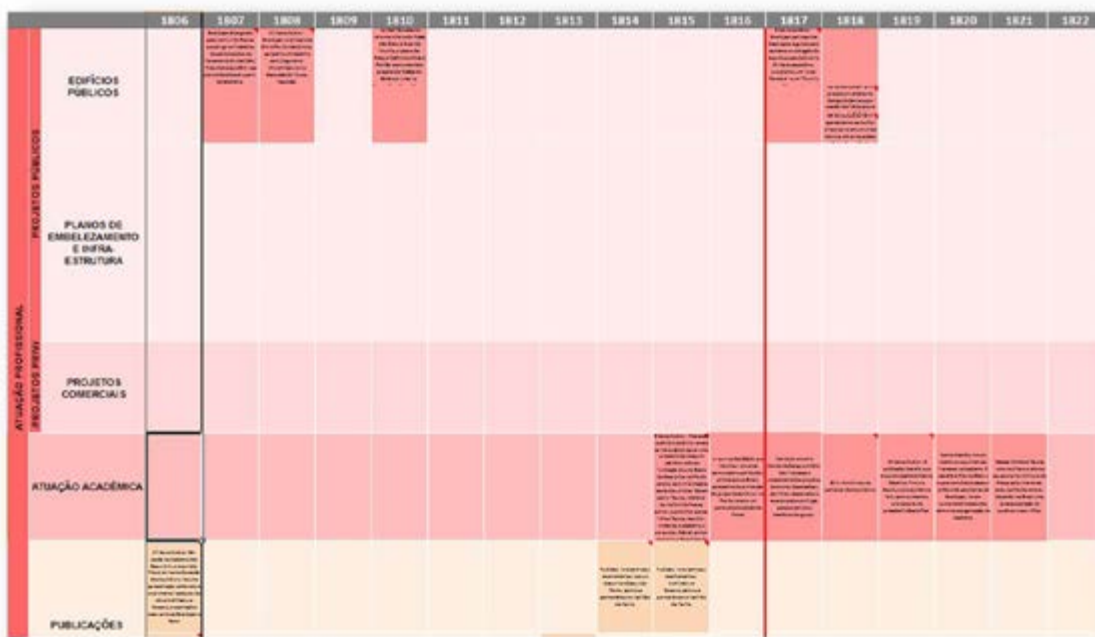


Figura 7 - Trecho da cronologia de Montigny em que é possível cotejar aspectos de sua atuação profissional.

Primeiramente, pode-se dizer que parecem existir três grandes momentos de intensificação projetual na trajetória de Grandjean que coincidem com os deslocamentos realizados por ele.

- (1) Atuação que compreende os anos de 1799 a 1804, que abrange as idades de 23 a 28 anos de Grandjean e que foram vividos na Itália;
- (2) Atuação que compreende os anos de 1807 a 1813, que abrange as idades de 31 a 37 anos de Grandjean e que foram vividos na Westfália;
- (3) Atuação que compreende os anos de 1816 a 1851, que abrange as idades de 40 a 74 anos de Grandjean e que foram vividos no Brasil.

Para aqueles que vêm estudando a trajetória do arquiteto, pode-se dizer que isso já era até bastante conhecido. Contudo, a cronologia como método nos permite sublinhar atuação de Grandjean antes de sua mudança para o Brasil. De fato, ao desembarcar nos trópicos, ele é um arquiteto “Prix de Rome” com 40 anos de idade, que tem alguma experiência na construção. Por outro lado, a atividade projetual de Grandjean é muito mais extensa nos períodos que viveu nos trópicos. Aqui, o arquiteto viveu e trabalhou por trinta e quatro anos.

Analisando conjuntamente sua produção pregressa e sua atuação no Brasil aspectos específicos sobressaem-se como, por exemplo, a recorrência e importância dos programas “palácio imperial”, “assembleia” e “academia”.

O interesse do Grandjean pelos projetos de palácio começa a ser observado nos seus desenhos da viagem à Itália. Ele se acentua em Cassel onde, de fato, Grandjean é chamado a pensar esse programa e, sobretudo, aqui no Brasil. Também neste caso se observa três tempos, agora trata-se daqueles em que o programa “palácio” se impôs a Grandjean como um problema arquitetônico e espacial a ser enfrentado.

O ritmo da atenção ao programa arquitetônico “assembleia” envolve diretamente pensar a atuação de Grandjean junto a questões de ordem política. Desde sua estadia na Toscana a sede de reunião e

deliberações dos senhores de Florença, o Palácio da Signoria - ou a Câmara da cidade de certo modo -, desperta o interesse do então jovem arquiteto sobre certas instituições políticas da antiguidade romana que ganharam importância a partir da Idade Média nas cidades-estados italianas e voltaram a ser discutidas no contexto revolucionário.<sup>xxv</sup> De fato, ao colaborar com Jérôme Bonaparte, Grandjean é levado a conceber as formas de organização espacial da representação política em um sistema federativo - a chamada Confederação do Reno que Napoleão buscou criar com o reino da Westfália, com sede em Cassel. Como homem do antigo regime, mas que vive levantes revolucionários nos anos de sua formação e ainda uma retomada do interesse pela antiguidade clássica, ele parece se perguntar: como é que se constitui uma Câmara? Onde é que se deve colocar a figura de quem a preside? Como organizar, espaços para exercícios mais democráticos como as assembleias?<sup>xxvi</sup> Esse problema projetual parece ter tido sua maior expressão durante a década de 1840, quando, no Brasil, o arquiteto fará seu projeto para a nova Câmara Municipal.

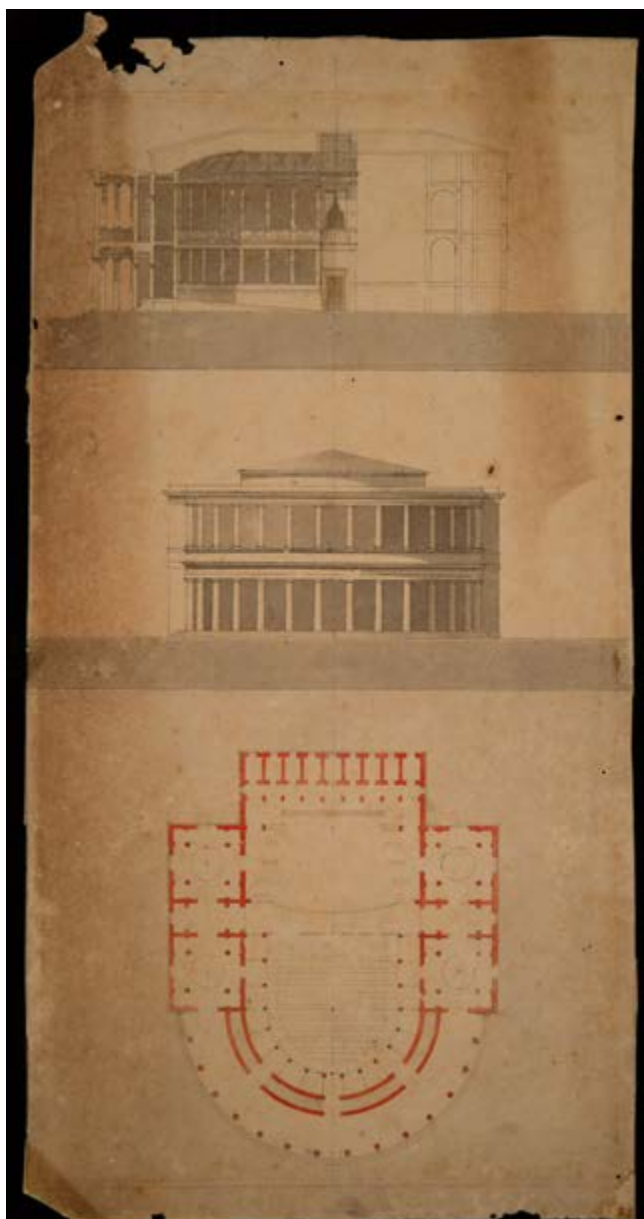


Imagem 8. Palácio da Câmara Municipal, Rio de Janeiro. Acervo Museu D. João VI. (Fotografado por FCRB/Francisco M. Costa).

Por fim, deve-se ressaltar a importância do programa “academia”. Conforme nos lembra Nicoud, a tarefa dada ao arquiteto com a chegada da Missão ao Rio – a construção de uma edificação para abrigar a academia – é um programa completamente novo. Grandjean havia começado a pensar o problema, ao que parece em Cassel, mas até aquele momento não existia uma edificação com essas funções em Paris, por exemplo. Assim, pode-se dizer que a Academia desenhada para o Brasil, tão criticada mais tarde por Porto-alegre, por exemplo, pode ser entendida como um grande esforço do arquiteto francês em uma arquitetura nova em relação ao desejo de também implementar novas formas de ensino artístico.

Nota-se, ainda, que entre as viagens que realizou a sua produção de livros aumenta, publicizando seus trabalhos ou estudos na Itália e depois na Westfália, como nos casos de *Architecture Toscane* ou *Palais, maisons et autres édifices de la Toscane / mesurés et dessinés par A. Grandjean de Montigny et A. Famin,...* [ed.1806-1815]; *Plan, coupe, elevation et détails de la restauration du du Palais des Etats et de sa nouvelle salle a Cassel (1810)* e, enfim, *Recueil des plus beaux tombeaux exécutés en Italie durant les XVe et XVIe siècles d’après les dessin les plus célèbres architectes et sculpteurs (1814)*. Vê-se que nesse campo os livros são publicados sobretudo em momentos específicos de sua trajetória: justamente entre as viagens que realizou. Ou seja, ocorre entre os três momentos de maior intensificação projetual do arquiteto e

são justamente uma espécie de balanço dessas empreitadas no exterior. A publicação de livros, de resto é um dos raros aspectos que se desenvolverá somente nos períodos em que vive na França e será um dos poucos aspectos de sua produção que não ganhará espaço no Brasil.



Especificamente em relação a *Architecture Toscane*, deve-se ressaltar que a focalização na cidade é explicitamente histórica. Isto é, nesse primeiro livro, ao trocar Roma, a referência clássica, pela Toscana, cuja maior parte de sua riqueza material se constituiu no período que conhecemos por Idade Média e, sobretudo, Renascimento, Grandjean ajuda a promover um primeiro deslocamento em relação ao ato de olhar para o passado na reflexão arquitetônica. Escolhe, assim, um “novo passado” para o qual destina seu olhar. Um “passado” certamente mais recente e, talvez, mais próximo de seus problemas projetuais.

Além disso, deve-se salientar que *Architecture Toscane* é uma espécie de história iconográfica da cidade. Deve-se lembrar que esse gênero de livro teria que esperar ainda algumas décadas para ser mais difundido. Por exemplo, o livro de Fustel de Coulanges, “A cidade antiga” seria publicado em 1864 e mantinha o interesse sobre a antiguidade clássica e não compartilhava de uma cultura visual semelhante.

Como se vê, o projeto *Gosto Neoclássico: Grandjean de Montigny e a arquitetura no Brasil (1816-1850)* começa a poder exibir novos resultados de pesquisa em função de uma maior sistematização das fontes mas ainda permanece sob muitos aspectos em construção e, portanto, aberto às interlocuções em torno de um tempo de cosmopolitismo, inovações, migrações e exílios e de uma vasta revolução nas práticas da arquitetura que resta a melhor circunscrever.

## ANEXO I

### Bibliografia sistematizada

GRANDJEAN DE MONTIGNY, Auguste-Henri-Victor. Plan, coupe, élévation et details de la restauration au Palais des Etats et de sa Nouvelle Salle à Cassel. Cassel: Imprimerie Royale, 1810.

GRANDJEAN DE MONTIGNY, Auguste-Henri-Victor. Recueil des plus beaux tombeaux exécutés en Italie dans les XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles d’après les dessins des plus célèbres architectes et sculpteurs / mesurés et dessinés par A. Grandjean de Montigny, P. Didot l’aîné (Paris). Disponível em < <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k106716m>>

GRANDJEAN DE MONTIGNY, Auguste-Henri-Victor et FAMIN, Auguste-Pierre. *Architecture toscane, ou Palais, maisons et autres édifices de la Toscane, mesurés et dessinés par A. Grandjean de Montigny et A. Famin*. Denonvilliers (Paris), 1815. Disponível em < <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8457371q/f13.item>>

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Edusp/ Martins, 1972

DEBRET, Jean Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d’un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu’en 1831 inclusivement*. Tome 3. Firmin-Didot (Paris), 1834-1839. Disponível em < <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5571826f>>

GRANDJEAN DE MONTIGNY, Auguste-Henri-Victor et FAMIN, Auguste-Pierre. *Architecture toscane, ou Palais, maisons et autres édifices de la Toscane, mesurés et dessinés par A. Grandjean de Montigny et A. Famin*. Denonvilliers (Paris), 1837. Disponível em < <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5429296w>>

MORAELS DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. *Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira*. Rio de Janeiro: Empresa A Noite, 1946.

MELLO JUNIOR, Donato. *Anuário da FAU n° 4*, 1961.

ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES. *Catálogos das exposições de pintura da Academia Imperial das Belas Artes 1829-1830*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1963. 20 p.

MELLO JUNIOR, Donato. *O arquiteto Grandjean e suas mercês honoríficas no Brasil*. Mensário do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.23-30, jan. 1973.

MELLO JUNIOR, Donato. *Grandjean de Montigny*. Mensário do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v.8, n.7, p.3-12, jul. 1977.

MELLO JUNIOR, Donato. *Luísa Francisca Ramos Panasco de Montigny*. Mensário do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, v.8, n.7, p.3-12, jul. 1977.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA. *Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: PUC: FUNARTE: Fundação Roberto Marinho, 1979. Catálogo de exposição

FILHO, Nestor Goulart Reis. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1983.

PEREIRA, Margareth da Silva. *O solar de Grandjean de Montigny na Gávea nos desenhos de Louis-Symphorien Meunié*. In: *Morada carioca*. Rio de Janeiro: PUC, 1992. (Catálogo)

PEREIRA, Margareth da Silva. “Cartografias do olhar: A formação estética de um arquiteto iluminista. A viagem à Itália de Grandjean de Montigny (1801-1805)”, 1996

RIBEIRO, Marcus Tadeu Daniel. As razões da arte: a questão artística brasileira: política ilustrada e neoclassicismo (Tese). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998.

PEREIRA, Margareth da Silva. “A experiência de viagem como instrumento de formação profissional: a trajetória intelectual de Grandjean de Montigny” 1998

PEIXOTO, Gustavo Rocha. Reflexos das Luzes na Terra do Sol. São Paulo: Pró Editores Associados, 2000.

COELHO, Olívio Gomes P. org. geral. Grandjean de Montigny. Catálogo Geral de Desenhos Pinturas. 2ed. Ver. E amp. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2001.

MARINS, Paulo César Garcez. Através da rótula: sociedade e arquitetura no Brasil, séculos XVII a XX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

BANDEIRA, Júlio et al. A missão francesa. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 2003.

PEREIRA, Sônia Gomes. A Historiografia da Arquitetura Brasileira no Século XIX e os conceitos de Estilo e Tipologia. Revista eletrônica DezenoveVinte, vol. 2, n. 3, julho de 2007.

CONDURU, Roberto. Araras gregas. Revista eletrônica DezenoveVinte, v. 3, n. 2, abril 2008.

TELLES, Angela. Grandjean de Montigny: da arquitetura revolucionária à civilização nos trópicos. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O sol do Brasil: Nicolas-Antonie Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOUDON, Jacques-Olivier; BEYELER, Christophe, NICOUD, Guillaume et ali. König Lustik !? Jérôme Napoléon : Roi de Westphalie . Paris : RMN, 2008. (Catálogo)

PESSOA, Ana, BANDEIRA, Júlio e LAGO, Pedro Correa do. Pallière e o Brasil: obra completa. Rio de Janeiro: Capivara, 2011.

Documentos de arquivo

BR RJ AGCRJ 46.3.26- Fundo Câmara Municipal – Série Monumentos

ROSSO Giovanna, XEXEO, Pedro. Documento Grandjean de Montigny. Explicações desenhos MNBA para a exposição sobre Grandjean nos dias de 15 de julho a 1 de agosto de 1975. Pastas avulsas biblioteca: Rio de Janeiro, MNBA, 1975.

**Ana Maria Pessoa dos Santos** é arquiteta, doutora em Comunicação e Cultura, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, autora de vários livros e artigos, organizadora de cursos e seminários, e líder dos grupos de pesquisa “Museu casa: memória, espaço e representações” e “Casas senhoriais e seus interiores: estudos luso-brasileiros em arte, memória e patrimônio”.

**Ana Lúcia Vieira** possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela UFRJ (1982), mestrado em Arquitetura (2000) pela mesma instituição e doutorado em História pela UFF (2005). Atualmente é professor adjunto da EAU/UFF e pesquisadora do grupo “Casas senhoriais e seus interiores: estudos luso-brasileiros em arte, memória e patrimônio”.

**Margareth da Silva Pereira** é doutora pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales e, desde 1999, é professora do PROURB/UFRJ. Neste programa, lidera o LeU-PROURB/UFRJ. Atua na área dos estudos culturais, principalmente nos campos da arte, da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, tendo como foco, sobretudo, o Rio de Janeiro.

**Priscilla Peixoto** atua como professora do IED-Rio e professora substituta na FAU/UFRJ. Nesta última, é também doutoranda no PROURB. É membro do Leu/PROURB/UFRJ, desde 2006. Seus trabalhos enfocam a história da historiografia do urbanismo e a formação do pensamento urbanístico no Brasil, no século XIX.

## Notas Finais

I. Embora muitas vezes se conteste a ideia de uma “missão” francesa tendo em vista o modo como o grupo foi formado, a cronologia das tramitações na França que precederam a viagem, envolvendo o Marques de Marialva, embaixador de Portugal em Paris e Lebreton desde agosto de 1815; as conversas de Grandjean, com seu aluno

- Meunié em outubro daquele ano preparando a viagem; a verba de 10 000FF oferecida em dezembro de 1815 a Lebreton por Francisco José Maria de Brito, que sucedeu Marialva e que foi aceita, embora sem haver formalmente resposta do Ministro e secretário dos negócios do Reino, o Marques de Aguiar; a carta, entretanto, do mesmo Marques de Aguiar um mês mais tarde, em janeiro de 1816, acusando o fato que SAR havia lido as proposas de Lebreton para a criação de uma Escola Real e que eram preparadas acomodações para os artistas e artífices; além do fato de Grandjean de Montigny, Debret e Meunié já terem dormido desde seu desembarque na Casa do Catumbi, do apoio do Conde da Barca quando da chegada dos tripulantes do Calpe e ainda a remuneração regular que passaram a receber por parte da Coroa a partir de agosto de 1816, autorizam-nos, neste artigo, a continuar referindo ao grupo de 32 franceses que desembarcam no Rio em março de 1816, como membros da Missão Francesa.
- II. Segundo Helena Uzeda, de 1827 a 1849, o curso de arquitetura ministrado por Grandjean teve 130 alunos. “O ensino de arquitetura na Academia de Belas Artes: 1820 -1889” in PEREIRA, Sonia Gomes 185 Anos da Escola de Belas Artes p.41-68
  - III. MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira. Empresa A Noite [1946]p. 261
  - IV. TELLES, Angela. Grandjean de Montigny: da arquitetura revolucionária à civilização nos trópicos. Rio de Janeiro: ed. Arquivo Nacional, 2008.
  - V. PEREIRA, Margareth da Silva (coord.) “A experiência de viagem como instrumento de formação profissional: a trajetória intelectual de Grandjean de Montigny” FAU-PUCCAMP/FAPESP Lidiane Pereira e Flavio Arancibia Coddou bolsistas IC (1996-1998)
  - VI. PEREIRA, Margareth da Silva. Cartografias do olhar: A formação estética de um arquiteto iluminista. A viagem à Itália de Grandjean de Montigny (1801-1805), relatório e projeto de pesquisa CNPq(1994)
  - VII. Diretor, à época, da área de arquitetura do INHA - Institut National d’Histoire de l’Art em Paris.
  - VIII. Curso “Grandjean de Montigny e o gosto neoclássico” ministrado pelo Professor Jean-Phillipe Garric realizado entre 29 abril a 7 de maio de 2009 organizado pelo leU/PROURB e a Fundação Casa de Rui Barbosa, graças ao apoio institucional de base e o das agências de fomento CNPq e FAPERJ.
  - IX. professora da École Nationale d’Architecture Paris La-Villette-UMR AUSser e durante muitos anos pesquisadora do Conservatoire des Arts et Métiers- CNAM.
  - X. Realizadas entre 15 e 29 de agosto de 2013 na Casa de Rui Barbosa e no PROURB/UFRJ.
  - XI. Realizado de 26 a 28 de novembro de 2014 na Casa de Rui Barbosa graças as intermediações do Prof. Garric que colocou os coordenadores do projeto com o historiador da arte Guillaume Nicoud. encarregado das pesquisas do Musée d’État de l’Ermitage, Département des arts occidentaux, Saint-Petersburgo (Russia)
  - XII. Realizada em 2008 no Castelo de Fontainebleau na França.
  - XIII. Colaboraram nessas atividades a estudante de história Katherine Azevedo, bolsista do Programa de Iniciação Científica da FCRB - 2012-2014, responsável pela pesquisa e revisão bibliográfica, o fotógrafo Francisco Moreira, da Lume, e o programador Eduardo Pinheiro (FCRB), que estruturou o banco de dados. Essa etapa contou com o apoio da FAPERJ. Colaboraram também os pesquisadores Jean Philippe Garric ( desde 2013 na Université de Paris 1) e Guillaume Nicoud (École du Louvre e pesquisador-associado do State Hermitage Museum).
  - XIV. MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira. Empresa A Noite [1946]p. 254
  - XV. MELLO JUNIOR, Donato. “Fontes documentais para pesquisas sobre o arquiteto Grandjean de Montigny” in Uma cidade em questão I: Grandjean de Montigny e o Rio de Janeiro. Departamento de Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC: FUNARTE: Fundação Roberto Marinho, 1979 p.115-135
  - XVI. Desenvolvida entre 1996-1998 com apoio da FAPESP e que teve algumas de suas atribuições reestudadas in loco e confirmadas com viagem realizada com apoio da FAPERJ entre 2007 e 2009.
  - XVII. Uma primeira análise desses documentos, cruzando-as com fontes brasileiras e existentes em Cassel foi apresentada por Margareth da Silva Pereira e Jean-Philippe Garric em comunicação intitulada Auguste Grandjean de Montigny (1776-1850) Paris, Rome, Florence, Paris, Cassel, Paris, Rio de Janeiro no Festival de l’Histoire de l’Art de Fontainebleau de 1-3 de junho de 2012
  - XVIII. O documento trata da genealogia e trajetória da família Grandjean de Montigny, registrada em cartório no Chile por descendentes do arquiteto, e foi cedido ao projeto pelo Sr. Luis Enrique Echeverría Domínguez
  - XIX. Cf. PEREIRA, Margareth da Silva. Morada Carioca - Grandjean de Montigny e o Solar da Gavea, supra cit. Cartas de L-S.Meunié à sua família sobre a casa de Grandjean.
  - XX. Idem Ibid.
  - XXI. Cf PEREIRA, Margareth da Silva. A historiografia da arte no Brasil; notas para uma revisão, in Pesquisa em artes plásticas, Porto Alegre, ANPAP-UFRGS, 1993.
  - XXII. [www.cronologiadourbanismo.ufrj.br/](http://www.cronologiadourbanismo.ufrj.br/) ou [www.cronologia.do.urbanismo.ufba.br](http://www.cronologia.do.urbanismo.ufba.br)
  - XXIII. Cronologia realizada por Guilherme Estevão e Hugo Lopez/ leU-PROURB e apresentada na Jornada de Iniciação Científica da FAU-UFRJ em 2014, sob orientação de Mário Magalhães, Priscilla Peixoto e Margareth da S. Pereira.

XXIV. Cf. PEIXOTO, Priscilla. Os escritos de Manoel de Araújo Porto-alegre sobre cidades (1844-1853): Temporalidades e Sedimentações. Rio de Janeiro, PROURB/UFRJ, 2013 (Dissertação de Mestrado).

XXV. J-PH Garric chamou a tenção em seus cursos sobre o interesse de Grandjean no livro *Architecture Toscane* pelas instituições burguesas da Idade Média, como o Palácio da Sgnoria. A palavra burguesa aqui deve ser entendida em seu sentido corrente até o início do século XIX na Europa, isto é, aquilo que é relativo ao burgo (em português; aquilo que é relativo às cidades) e que começa a ganhar importância material justamente a partir da Idade Média e que está à base da revolução burguesa de 1789 na França, contra os proprietários da terra.

XXVI. Sob esse aspecto foram iluminadoras as análises de Guillaume Nicoud do projeto Palais de Etats, em Cassel destinado justamente a abrigar a sede da assembleia ou Câmara do Rheinbund (Confederação do Reno) criado por Napoleão após sua vitória sobre a Rússia e a Áustria e que existirá de 1806 a 1813, composto originalmente por 16 estados alemães, sob a autoridade de Jérôme Bonaparte.